

A tensão no discurso e construção de identidade
(*Tension in discourse and construction of identity*)

CLÁUDIO PRIMO DELANOY¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RESUMO: Este trabalho tem como tema a tensão presente em discursos e a construção de identidades que nascem a partir dessas forças. Como objetivo geral, propomo-nos evidenciar que a construção de identidades passa pelos discursos que as rodeiam. Como objetivo específico, pretendemos mostrar que é a própria tensão entre vozes no discurso que cria identidades. Para tanto, embasamo-nos na teoria dialógica do Círculo de Bakhtin por sua concepção de linguagem envolver a natureza semiótica e ideológica do signo linguístico a partir da interação discursiva entre interlocutores situados social e historicamente numa comunidade linguística. O corpus de análise constitui-se de discursos atribuídos a uma obra de arte e a uma poesia. Os resultados apontam que é a própria tensão entre vozes que constitui a identidade, sem preponderância de uma sobre as outras.

PALAVRAS-CHAVE: *dialogismo, discurso, identidade.*

RESUMEN: Este trabajo tiene como tema la tensión presente en discursos y la construcción de identidades que nacen a partir de esas fuerzas. Como objetivo general, nos proponemos evidenciar que la construcción de identidades pasa por los discursos que las rodean. Como objetivo específico, pretendemos mostrar que es la propia tensión entre voces en el discurso que crea identidades. Para ello, nos basamos en la teoría dialógica del Círculo de Bakhtin por su concepción de lenguaje envolviendo la naturaleza semiótica e ideológica del signo lingüístico a partir de la interacción discursiva entre interlocutores situados social e históricamente en una comunidad lingüística. El corpus de análisis se constituye de discursos atribuidos a una obra de arte ya una poesía. Los resultados apuntan que es la propia tensión entre voces que constituye la identidad, sin preponderancia de una sobre las otras.

PALABRAS CLAVE: *dialogismo, discurso, identidad.*

¹ Professor adjunto na Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em teorias semânticas e do discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: texto, discurso, semântica argumentativa, enunciação, argumentação, dialogismo. E-mail: claudio.delanoy@puers.br

ABSTRACT: The theme of this work is the tension in discourses and the construction of identities that are created from these forces. As a general objective, we propose to show that the construction of identities passes through the discourses that surround them. As a specific goal, we intend to show that it is the tension between voices in the discourse that creates identities. For this, we are based on the dialogical theory of Bakhtin's Circle due to its conception of language involves the semiotic and ideological nature of the linguistic sign from the discursive interaction between social and historically placed interlocutors in a linguistic community. The corpus of analysis consists of discourses attributed to a work of art and poetry. The results point out that it is the very tension between voices that constitutes identity, without preponderance of one over the other.

KEYWORDS: *dialogism, discourse, identity.*

Este trabalho denominado *A tensão no discurso e construção de identidade* tem como tema a tensão presente em discursos e a construção de identidades que nascem a partir dessas forças. Propomos, como objetivo geral, evidenciar que a construção de identidades passa pelos discursos que as rodeiam. Como objetivo específico, pretendemos mostrar que é a própria tensão entre vozes no discurso que cria identidades, e não necessariamente a preponderância de uma voz sobre outra(s). Para tanto, buscamos fundamento teórico nas reflexões do Círculo de Bakhtin² por sua concepção de linguagem envolver a natureza semiótica e ideológica do signo linguístico a partir da interação discursiva entre interlocutores situados social e historicamente numa comunidade linguística. Além disso, a concepção dialógica do discurso sustenta a construção do sentido na linguagem por meio da interação tensa entre o discurso do locutor e discursos de outrem acerca dos objetos do mundo. O *corpus* de análise constitui-se de uma poesia e de uma escultura, ambos marcados por tensão entre vozes que os definem. A análise será centrada na leitura do poema *É ela! É ela! É ela! É ela*, de Manuel Antônio Álvares de Azevedo. A escolha desse poema justifica-se por ali estarem presentes distintas construções da identidade da mulher, feitas pelo poeta (eu lírico). Analisamos também a obra do escultor espanhol José Manuel Castro López: uma pedra de superfície enrugada, como se tivesse sido amassada, o que causa certa estranheza. Partimos do princípio de que nossa compreensão do mundo se dá sempre por meio de discursos que, como prática social, refletem e refratam valores

² O grupo de intelectuais conhecido como Círculo de Bakhtin reuniu-se na Rússia de 1919 a 1929 e era composto por Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov, Pável Medviédev, dentre outros.

ideológicos. Assim, caracterizam um olhar sobre o mundo, um olhar sobre o outro. Nesse sentido, identidades são construídas dialogicamente pelo discurso e são sempre marcadas por acentos de valor.

Ao iniciar, discorreremos brevemente sobre as reflexões do Círculo de Bakhtin. Após, apresentaremos leituras do poema de Álvares de Azevedo no que tange à sua construção dialógica, às identidades ali construídas. A seguir, discutiremos a escultura de López quanto à estranheza de sua forma e a decorrente construção de sentido, de identidade.

Segundo o pensamento do Círculo bakhtiniano, é preciso conceber a linguagem a partir da relação social organizada, quer dizer, situar os interlocutores em interação numa comunidade linguística. Somente dessa forma é possível apreender o objeto da linguagem. Esta maneira de construir o objeto *linguagem* dialoga com duas outras formas da ciência linguística apontada por Volóchinov (2017: 143), denominadas *duas tendências do pensamento filosófico-linguístico*: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017), Volóchinov discute a complexidade de especificar-se a unidade de estudo da filosofia da linguagem. Reforça a necessidade de se fazer indicações metodológicas para chegar-se a definições de língua/ linguagem. Para tanto, a tarefa não é fácil: o método das ciências advindas de pesquisa empírica não é adequado, pois o objeto real da linguagem não é sensível aos olhos e às mãos. Todo esforço de delimitar-se a unidade da linguagem envolverá uma perspectiva teórica, traduzida em método. Dessa forma, Volóchinov apresenta as duas orientações filosóficas e, ao discuti-las, vai posicionando-se para propor seu modo de resolver o “problema do isolamento e da delimitação da linguagem como um objeto específico de estudo” (VOLÓCHINOV, 2017: 147). O primeiro, o subjetivismo individualista, foi caracterizado por localizar a língua no psiquismo individual. Com isso, as leis da produção de discursos seriam leis individuais e psicológicas. A língua seria um produto pronto e estável, manipulada pela vontade do ser, em um ato criativo individual discursivo. A segunda tendência é o objetivismo abstrato. Nesse âmbito, o foco deslocase para o sistema linguístico. Na produção discursiva, há elementos idênticos (fonéticos, morfológicos, gramaticais) que se repetem normativamente, responsáveis pela estabilidade de uma língua e pela sua compreensibilidade entre os membros de uma comunidade. Aqui descritas de modo absolutamente breve (pois não são nosso foco neste trabalho), as duas perspectivas desdobram-se em decisões metodológicas que responderão por modos particulares à problemática de estudar-se a linguagem.

Volóchinov, ao debatê-las, apresenta seus pontos de partida para analisar o objeto linguístico. Afirma serem os enunciados as unidades reais do fluxo da linguagem (VOLÓCHINOV, 2017: 221), considerados em sua materialidade, no uso efetivo da língua por locutores situados socialmente em uma comunidade. A língua é vista por meio da interação verbal, e não pela visão de sistema de formas desvinculadas do uso. Além disso, as produções de discurso devem ser compreendidas levando-se em consideração os valores ideológicos que as constituem, pois os signos linguísticos são marcadamente ideológicos.

Os signos linguísticos, materializados em enunciados, carregam sentidos além daqueles previstos no dicionário, pois as palavras evidenciam uma ideologia, um modo de conceber o mundo. Segundo Volóchinov:

Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana.* (VOLÓCHINOV, 2017: 181; grifos do autor)

Segundo o pensamento do Círculo bakhtiniano, é preciso conceber a linguagem a partir da relação social organizada, quer dizer, situar os interlocutores em interação numa comunidade linguística. Somente dessa forma é possível apreender o objeto da linguagem. Diferentemente da concepção saussuriana, que tomava o sistema de signos linguísticos como objeto de estudo, Bakhtin constrói suas reflexões sob a perspectiva do uso real da linguagem, quer dizer, trata da linguagem efetivamente produzida em situações reais de interlocução. O discurso, fenômeno social complexo, materializa-se sob a forma de enunciados concretos produzidos por sujeitos situados social e historicamente. Porém, o enunciado, unidade mínima de comunicação, nasce em relação a outros enunciados: é um elo na cadeia de outros enunciados. Sua natureza dialógica o faz constituir-se em uma resposta a outros enunciados, ao mesmo tempo em que antecipa outras respostas. Logo, na concepção bakhtiniana, os enunciados não são tomados isoladamente, mas em suas relações dialógicas. Nesse âmbito, o falante produz enunciados pelos quais evidencia um posicionamento a respeito de um tema, ou seja, o enunciado carrega uma entonação expressiva. São acentos de valor, avaliações a respeito de outros enunciados. Logo, no enunciado há uma pluralidade de vozes em constante tensão, que produzirão sentido a partir dessa interação.

Bakhtin e componentes do Círculo interessaram-se profundamente pela problemática de explicitar a construção de significação. A proposta do Círculo rejeita uma significação única do enunciado presa às palavras enquanto signos no sistema. As palavras que proferimos têm um sentido que ultrapassa aquele advindo da relação entre elas. As palavras trazem consigo uma história. Assim, para o filósofo russo, o estudo da linguagem por meio do sistema não dá conta de sua realidade, pois seria uma abstração improdutiva ao não considerar a natureza única do enunciado, marcado por acentos avaliativos ao dialogar com outros enunciados.

Portanto, é nas condições reais da enunciação que se encontra a linguagem viva, na enunciação que nasce da interação entre interlocutores do discurso. Por enunciação entende-se a materialização da interação verbal entre sujeitos de uma comunidade linguística. A enunciação, pela concepção bakhtiniana, é de natureza social. No âmbito enunciativo, a palavra, enquanto signo ideológico, é produzida pelo locutor, mas é orientada a um interlocutor, ambos situados numa dada organização social. Logo, a palavra é um produto da interação, e não simplesmente da individualidade do falante:

Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor. (VOLOCHÍNOV, 2017: 205)

Enxergamos na base da linguagem, nessa relação interdependente entre interlocutores, o princípio do dialogismo, que perpassa toda a teoria do discurso bakhtiniana. O dialogismo é uma propriedade da linguagem que concebe o enunciado como sendo constituído a partir de outros enunciados, mais ou menos aparentes, que constroem sentidos pelas suas relações. Essa perspectiva contraria a ideia de o enunciado encerrar o sentido em si mesmo, como se fosse autossuficiente. Ora, justamente a visão bakhtiniana é de o enunciado ser um elo de uma cadeia de outros, pois, numa situação concreta de comunicação, é construído como sendo uma resposta a outro(s) enunciado(s). É essa ideia de resposta que caracteriza o dialogismo como sendo inerente à linguagem, ao discurso; quer dizer, o locutor, ao proferir sua fala, o faz a partir da fala de outros, seja para confirmá-la, concordar com ela parcialmente, refutá-la, e isso de maneiras mais ou menos explícitas.

Logo, o discurso, na perspectiva bakhtiniana, não é exclusivamente individual no que concerne à sua origem, uma vez que o locutor se vale de outros discursos de outros

sujeitos para produzir o seu. O discurso, concretizado em enunciados, é também social, pois reflete e refrata valores ideológicos de uma dada sociedade, mobilizados pelo locutor, seja confirmando-os, seja rebatendo-os de alguma forma, mas sempre a eles recorrendo.

Outro ponto central das reflexões bakhtinianas é quanto à compreensão do sentido dos discursos. De modo oposto a considerar a compreensão como um simples processo de decodificação do sistema linguístico, os pensadores do Círculo defendem um papel ativo do interlocutor, ou seja, o interlocutor constrói sentido, e não simplesmente o depreende do discurso que ouve ou lê. Esse modo de pensar a compreensão rejeita o modelo que vê a língua como um instrumento veiculador de informações a serem transmitidas a um destinatário. A partir de tal modelo, o destinatário não teria outra função senão recuperar o sentido produzido pelo emissor por meio da língua. Depreende-se, assim, que o sentido do enunciado seria de responsabilidade única do falante, cabendo ao interlocutor simplesmente decodificar a mensagem. Ao propor o conceito de compreensão responsiva ativa, Volóchinov revela que “a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos (VOLÓCHINOV, 2017: 95). Quer dizer que, inevitavelmente, relacionamos o que ouvimos ou lemos a outros discursos, e é dessa relação que nascerá a compreensão, como uma resposta. “Toda compreensão é dialógica” (VOLÓCHINOV, 2017: 232). Dessa maneira, todo locutor responde, por meio de seu enunciado, a outros enunciados, e espera, por sua vez, a resposta de seu interlocutor. Por estabelecer relações com outros enunciados, o interlocutor trará novos sentidos ao discurso, carregados de acentos valorativos e de pontos de vista.

A compreensão não se reduz ao sentido das formas linguísticas, mas engloba necessariamente todo o contexto histórico e social que dá existência a uma produção discursiva autêntica entre participantes do episódio comunicativo. É nesse âmbito que o sentido global do discurso vai considerar a palavra como portadora de um valor ideológico, algo não previsto pela visão de língua unicamente como sistema:

Compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas. Quanto maior for o seu número, quanto mais essenciais elas forem, tanto mais profunda e essencial será a compreensão. (VOLOCHÍNOV, 2017: 232)

Apoiados na esteira bakhtiniana, propomos que a construção de identidades dos seres, animados ou inanimados, se dá por meio de discursos. Nunca atingimos o ser em questão em sua essência, mas sempre por meio de discursos que, como vimos, já nascem ideologicamente marcados. Nas palavras de Bakhtin: “Não se vai do objeto à palavra, mas da palavra ao objeto, a palavra cria o objeto” (BAKHTIN, 2017: 54).

Portanto, ao construirmos a identidade de um ser, e inclusive a identidade de nós mesmos, o fazemos a partir de outras construções, de outras identidades, de outros discursos. A identidade construída pelo sujeito dialoga com outras, e assim se constitui. Afirma Bakhtin:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo. (BAKHTIN, 2017: 29)

A identidade é dialogicamente construída, logo, não se trata de uma entidade imutável. O olhar de cada um sobre o mundo, numa busca de significar os seres, passa pelo horizonte ideológico do sujeito, que não é individual, mas social. Portanto, não se olha o outro sem olhar para si, sendo esse olhar de si igualmente resultado de relações dialógicas: me defino pelo outro, e o outro é definido a partir de mim. Como inexiste um olhar neutro para o outro, não podemos reconhecer os objetos em sua essência; eles não são dados como prontos e acabados, mas sempre em construção. É o discurso que muda o objeto, e não o contrário. Um homem pode ser reconhecido como herói em um dado momento histórico e social, e ser acusado de traidor em um tempo posterior, ao mudarem os horizontes ideológicos da comunidade. Um corpo celeste como Plutão passa de *planeta* a *planeta-anão* por não se adequar aos parâmetros que caracterizam a categoria *planeta*, na nova concepção dos astrônomos.³ Mudam-se os discursos atribuídos a um ser, muda-se a identidade desse ser. Nota-se aqui um retorno à noção de dialogismo como

³ “De acordo com as novas regras, um planeta deve satisfazer três critérios: ele deve orbitar o Sol, ele deve ser grande o suficiente para a gravidade moldá-lo dentro da forma de uma bola e sua vizinhança orbital deve estar livre de outros objetos. A partir de 24 de Agosto de 2006, Plutão deixa de ser classificado como planeta e passa a ser denominado como Planeta Anão” (CDA-CDCC USP, 2000), segundo o Centro de Divulgação da Astronomia da Universidade de São Paulo.

propriedade inerente à linguagem e fundador de sentidos, de identidades: todo discurso é construído a partir de outros, entre os quais se estabelece um diálogo.

Após termos visto rapidamente o pensamento bakhtiniano, passamos agora ao poema de nossa análise:

É ela! É ela! É ela! É ela

Álvares de Azevedo, "Lira dos Vinte Anos"

É ela! é ela! — murmurei tremendo,
e o eco ao longe murmurou — é ela!
Eu a vi... minha fada aérea e pura —
a minha lavadeira na janela.

Dessas águas furtadas onde eu moro
eu a vejo estendendo no telhado
os vestidos de chita, as saias brancas;
eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido,
nas telhas que estalavam nos meus
passos,
ir espiar seu venturoso sono,
vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quase caí na rua desmaiado!

Afastei a janela, entrei medroso...
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijá-la... roubei do seio dela

um bilhete que estava ali metido...

Oh! decerto... (pensei) é doce página
onde a alma derramou gentis amores;
são versos dela... que amanhã decerto
ela me enviará cheios de flores...

Tremi de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse contigo neste seio!
Como Otelo beijando a sua esposa,
eu beijei-a a tremer de devaneio...

É ela! é ela! — repeti tremendo;
mas cantou nesse instante uma coruja...
Abri cioso a página secreta...
Oh! meu Deus! era um rol de roupa
suja!

Mas se Werther morreu por ver Carlota
Dando pão com manteiga às
criancinhas,
Se achou-a assim tão bela... eu mais te
adoro
Sonhando-te a lavar as camisinhas!

É ela! é ela, meu amor, minh'alma,
A Laura, a Beatriz que o céu revela...
É ela! é ela! — murmurei tremendo,
E o eco ao longe suspirou — é ela!

Esse poema foi escrito por Manuel Antônio Álvares de Azevedo (AZEVEDO, 2000: 191), nascido em São Paulo em 1831. É considerado um dos grandes nomes do romantismo de segunda geração brasileiro no século XIX. Segundo Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira* (BOSI, 2002: 110), em seus trabalhos havia a forte tendência para a evasão e para o sonho, provavelmente pela sua ligação com as ideias de Byron e com a vida boêmia.

Álvares de Azevedo escreve a partir de um lugar situado sócio-historicamente. O referido período romântico caracteriza-se pelo valor dado à idealização, em detrimento do que seria a realidade. Predominam os temas relativos a sonhos, fuga do mundo

concreto, amores inalcançáveis. Foi conhecido como período do “mal do século”. Conforme escreve Bosi, ao mencionar os poetas brasileiros do período,

[...] os nossos românticos exibem fundos traços de defesa e evasão, que os leva a posições regressivas: no plano da relação com o mundo (retorno à mãe natureza, refugio no passado, reinvenção do bom selvagem, exotismo) e no das relações com o próprio *eu* (abandono à solidão, ao sonho, ao devaneio, às demasias da imaginação e dos sentidos). (BOSI, 2002: 93)

Acrescenta também que “o *eu* romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão” (BOSI, 2002: 93). É frequente a preferência da noite ao dia, pois a luz do sol impõe a realidade ao sujeito. Nas trevas, manifestam-se o inconsciente, as fantasias. Essa contextualização se faz importante porque representa o horizonte ideológico da produção do poema. Azevedo escreve inserido nesse horizonte.

Passamos agora à análise. Essencialmente narrativo, trata do amor do poeta (*eu lírico*) pela mulher que vê de sua janela, até que uma noite resolve adentrar seus aposentos e vê-la dormir.

A constituição dialógica do poema como uma paródia ao movimento romântico da segunda geração é um aspecto importante que refletirá na percepção da mulher pelo olhar do poeta. Caracterizado por um pessimismo frente à vida concreta, por uma valorização do sonho, das idealizações, o movimento romântico responde aos discursos aos quais se opõe, aos que ancoram a existência, o amor, à concretude da vida. Ressaltamos que a oposição entre discursos, pelo viés bakhtiniano, não significa colocá-los em campos isolados, mas sim considerá-los como constitutivos um do outro. Sendo a natureza dos discursos essencialmente dialógica, o discurso romântico nasce no âmbito do discurso que preza a concretude, e não separado dele, e vice-versa.

Encontramos no poema analisado evidências que marcam a tensão entre um diálogo do mundo idealizado e outro do mundo “real”, e essa tensão passa pela construção da identidade da mulher. Logo na primeira estrofe encontramos a tensão materializada pelo contraste entre os modos pelos quais o poeta vê sua amada: *fada* e *lavadeira*, que entram em ressonância com o modo pelo qual vê o mundo, seu horizonte ideológico, simultaneamente ideal e concreto. Essa simultaneidade é revelada por uma não tomada de partido por uma ou outra perspectiva, mas por ambas, em tensão constante. O poeta não opta pela fada ou pela lavadeira. Ambas constituem sua amada. Ele constrói a imagem dela, sua identidade, a partir de uma fronteira onde se situa, fronteira entre os extremos da idealização e da realidade. Os efeitos de humor presentes no poema decorrem da tensão

revelada entre os discursos: a mulher *roncava* ao dormir com um ferro de passar roupas na mão, mas era um ronco agradável, puro, a ponto de extasiar o poeta; o bilhete entre seus seios, potencialmente versos de amor destinados ao poeta, não passava de uma lista de roupas sujas. Porém, a tensão entre as perspectivas não enfraquece o amor, muito pelo contrário. A admiração parece se dar justamente porque a amada pertenceria ao mundo das fadas e ao mundo das lavadeiras. O poeta vive entre a realidade e o sonho, e é a partir desse horizonte em tensão que cria a identidade da mulher.

Passamos agora à nossa segunda análise. A escultura em pedra, do escultor espanhol José Manuel Castro López (LÓPEZ, 2006), apresenta sua superfície enrugada, dando ilusão de que a rocha foi moldada tal como uma massinha de modelar.⁴



Figura 1: Escultura de pedra.

Nossa leitura propõe que a estranheza causada em quem aprecia a obra tem origem justamente na tensão entre a dureza do mineral e uma surpreendente plasticidade. Metáforas tais como *o seu coração é duro como uma rocha* traduzem a extensão de uma característica física dos minerais a atribuições comportamentais e/ou identitárias de alguém com pouca sensibilidade. Assim, discursos dessa natureza parecem carregar em si a essência do mineral: rigidez, frieza, imobilidade.

O olhar para uma obra de arte passa também pelo horizonte ideológico do apreciador. É desse lugar que ele formará uma opinião, mas não de modo neutro. A construção do sentido de uma obra não deixa de ser um ato de compreensão ativa e, conforme vimos, essa se dá pela relação com outros discursos acessados pelo apreciador. Ao colocá-los em relação, orienta-se frente a eles ao expressar acentos de valor: de rejeição, de espanto, de aprovação, etc. Assim:

⁴ Uso da imagem autorizada pelo artista.

[...] a palavra acompanha toda a criação ideológica como seu ingrediente indispensável. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de qualquer fenômeno ideológico (de um quadro, música, rito, ato) não podem ser realizados sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados, nem separados dele por completo. (VOLÓCHINOV, 2017: 100, grifos do autor)

Percebemos a materialização, na escultura de López, de um diálogo tenso entre a dureza e a plasticidade. De fato, a obra constitui-se um signo ao evidenciar essas características, que são físicas, mas que são traduzidas em discurso, pois “A palavra está presente em todo ato de compreensão” (VOLÓCHINOV, 2017: 101). A surpresa decorre de ambas as características serem mostradas de uma vez. Não há competição entre elas, nem vitória de uma sobre a outra, pois a rocha não deixa de ser rocha, mesmo que sua superfície tenha sido moldada. É diferente do mármore que serve de material para uma estátua, por exemplo, em que a figura esculpida carregaria o sentido. Ressaltamos a distinção da rocha moldada de López. O artista faz questão de evidenciar o mineral. Ele não apaga o que a rocha traz de intrínseco – seu grau de dureza. Porém, age sobre a natureza rígida da pedra e revela uma surpreendente suavidade. O apreciador da obra é convidado a perceber o diálogo travado entre duas forças opostas ali materializadas numa única peça, ao mesmo tempo. Nesse sentido, a obra constitui-se da própria tensão entre sentidos opostos, sem a predominância de um sobre o outro.

López toma um objeto da natureza e atribui-lhe uma identidade, uma ideia: a representação de tensão que lhe dá nascimento. Como afirma Volochínov,⁵ “Aconteceu que um *fenômeno da realidade objetiva* tornou-se um fenômeno da realidade ideológica: o objeto se transformou em signo” (VOLOCHÍNOV, 2013: 192, grifos do autor). O objeto no mundo enquanto ferramenta, como objeto da vida cotidiana, não apresenta valor ideológico. Ele não faz alusão a outro significado além de si mesmo. Assim, uma rocha encontrada da natureza não constitui um signo, e sua apreciação dá-se em termos de sua constituição ou de cumprimento de uma dada função. Por outro lado, um objeto torna-se um signo quando remete a algo diverso de si (VOLOCHÍNOV, 2013: 191). No caso em análise, a escultura faz alusão ao diálogo tenso entre dureza e plasticidade, diálogo que constitui sua identidade.

⁵ Adotou-se a grafia do nome conforme a obra de referência.

Ao finalizarmos nosso trabalho, procuramos mostrar que a construção de identidades passa pelos discursos que as rodeiam, ou seja, nasce dialogicamente. Para tanto, expusemos previamente conceitos fundamentais para entendermos a teoria dialógica do discurso defendida por Bakhtin e seu Círculo. A partir daí, reunimos material teórico para analisarmos o poema de Álvares de Azevedo e a escultura de López quanto às suas identidades marcadas pela tensão entre discursos. Propusemos, também, que é a própria tensão entre vozes equipolentes no discurso que cria identidades, e não necessariamente a preponderância de uma delas. No poema de Álvares de Azevedo, a amada foi vista como fada e como lavadeira, como sonho e como realidade, reflexo tanto de como o poeta via o mundo, de seu horizonte ideológico. Na escultura de López, o artista trabalha a plasticidade sobre a natureza rígida da pedra, simultaneamente, materializando ali uma tensão dialógica. Por fim, ressaltamos que as leituras aqui propostas não estão fechadas. Outras podem ser feitas, já que nossas percepções, segundo o pensamento bakhtiniano, encontram base no horizonte ideológico do sujeito, pelo qual percebe o mundo.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, A. 2000. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

BAKHTIN, M. 2017. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: Editora 34.

BOSI, A. 2002. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.

CDA/ CDCC USP. 2000. [Disponível na internet em <http://www.cdcc.usp.br/cda/aprendendo-basico/sistema-solar/plutao.html>]. Centro de Divulgação da Astronomia da Universidade de São Paulo. [Consulta: 13 de outubro de 2018].

LÓPEZ, José Manuel Castro. 2006. [Disponível na internet em <https://www.facebook.com/profile.php?id=100001801869745&sk=photos&pnref=lhc>]. [Consulta: 28 de maio de 2017].

VOLOCHÍNOV, V. 2013. *A Construção da Enunciação e Outros Ensaio*s. São Carlos: Pedro & João.

VOLÓCHINOV, V. 2017. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34.